



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

## O ESPELHO DA MOURA TORTA

**Luiz Fernando de Souza**

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ – CRECHE FIOCRUZ**

[lufenando@yahoo.com.br](mailto:lufenando@yahoo.com.br)/[lufenando@gmail.com](mailto:lufenando@gmail.com)

Desde o ano de 2003, com a promulgação da Lei n. 10.639/03 que o ensino de História da África e da Cultura Afro-Brasileira foi instituído na legislação educacional brasileira, levando o estudante a compreender a contribuição da cultura negra na constituição da identidade do povo brasileiro, além de tentar resgatar usos, costumes, hábitos, narrativas folclóricas que fazem parte do rico folclore nacional.

O contato com a Arte desde a Educação Infantil, ajuda a criança a desenvolver seu imaginário, a se expressar de forma mais livre e diversificada, a compreender as diferenças sociais implícitas no convívio com o outro, esse indivíduo que nos amedronta, nos ameaça, mas que nos completa enquanto seres sociais que vivem em comunidades tão contraditórias quanto as nossas.

Diante desse dado de realidade, é necessário que nós, docentes responsáveis e críticos das condições de vida da maioria pobre do povo brasileiro, desenvolvamos maneiras, métodos, projetos que levem a criança, desde pequena, a se sensibilizar e se conscientizar das questões sociais que estão no entorno de suas vidas, a saber: miséria, fome, exclusão social, preconceito, racismo, barbárie. Também é necessário compreender que *“os saberes que perpassam as questões de raça nas salas de aula da Educação Infantil estão imbricados numa rede de relações e de práticas discursivas ou não. Estas fazem parte do mundo das crianças e são materializadas através dos brinquedos, revistas, materiais escolares, roupas, enfeites ,corpo, etc..., ou seja, das coisas necessárias para se “estar no mundo”* (Dornelles, pg 3)

Pensando assim, é necessário se estar no mundo criticando e combatendo aquilo que o senso comum torna tão natural, comum, como o fato da beleza negra não ser valorizada, os traços fisionômicos dos negros serem ridicularizados, a contribuição cultural do povo negro para a formação da cultura brasileira não ser devidamente considerada, pelo menos no mesmo nível do da cultura européia, branca, considerada sempre como exemplo do que de melhor se pode almejar e valorizar.



A norma nos inculca idéias de que o cabelo do negro é ruim, o nariz do negro é “chato”, a pele negra é feia e áspera, que a população negra merece estar vivendo nas piores condições econômicas e sociais devido à sua indolência, à sua falta de capacidade, à “natural” inferioridade da população negra. Precisamos combater essa norma discriminatória, injusta, preconceituosa que relega uma parcela numerosa da população nacional a viver nas periferias não urbanizadas, sujeita à barbárie, à ignorância, à miséria.

O combate contra esse status quo, deve começar a ser travado, durante o processo de construção do sujeito infantil em oposição a uma série de outras subjetividades apresentadas pelo senso comum, pela mídia e pelos artefatos culturais. Na creche, a criança pequena está bem próxima de outras crianças e do sujeito adulto que com ela convive, a educa e cuida. Portanto, é trabalhando com o educador/a que poderemos combater a desigualdade, o preconceito, o racismo, sugerindo-lhe algumas atividades artísticas que possam colaborar para a mudança da sociedade.

Num espaço de educação infantil, deve-se conviver com as mais diferentes linguagens artísticas como o teatro, o cinema, a dança, a literatura, a pintura e o desenho. Mas não devemos tratá-las como artefatos pedagógicos apenas, mas respeitar sua característica essencial de ser linguagens que falam ao interior do indivíduo, constituindo seu imaginário, sua subjetividade e levando-o a olhar o mundo através de uma visada sensível e lúdica, que possa desconstruir idéias arcaicas que colaboram para uma sociedade tradicional e estratificada e que não viabiliza o diálogo e a convivência entre os diferentes.

Sendo assim, podemos sugerir pelo menos um projeto que possa ajudar a criança pequena nessa luta tão necessária. Chama-se “O Espelho da Moura Torta”, através do qual pretendemos discutir diferenças, principalmente a étnica, promovendo a narração e a encenação do conto popular brasileiro “A Moura Torta”<sup>1</sup>, compilado pelo grande folclorista brasileiro, Luis da Câmara Cascudo que nos diz que

---

<sup>1</sup> Conto popular que teve sua versão brasileira registrado por Silvio Romero e Câmara Cascudo. É um dos contos mais divulgados na literatura oral do mundo. Pode ser encontrado com o nome de “As Três Cidras do Amor” no folclore de diversos países. Podemos citar em especial, Espanha e Portugal que influenciaram a versão brasileira.



“...o conto popular revela informação histórica, etnográfica, sociológica, jurídica e social. É um documento vivo, denunciando costumes, idéias, mentalidades, decisões e julgamentos. Para todos nós é o primeiro leite intelectual. Os primeiros heróis, as primeiras cismas, os primeiros sonhos, os movimentos de solidariedade, amor, ódio, compaixão vêm com as histórias fabulosas ouvidas na infância. A mãe-preta foi a Sheherazada humilde das dez mil noites, sem prêmios e sem consagração. Quanto lhe ouvimos contar, segue, lentamente, ao nosso lado, emergindo nas horas tranqüilas e raras de alegria serena. (Casculo, 20 01, pg 12)

A Moura Torta nos revela a história de uma bruxa negra, escrava, caolha que não desenvolveu a menor noção de sua corporeidade e sensibilidade, e que, devido a um trágico engano, confunde sua imagem refletida nas águas de um rio com a de uma mocinha jovem, branca, encarapitada numa árvore a esperar pela volta do príncipe. A partir daí, motivada pelo ciúme, pela raiva, pelo despeito, a negra (assim se refere a ela Casculo, durante toda a narrativa) comete uma série de delitos que acabam por ser o motivo de sua perdição, queimada viva numa fogueira e tendo suas cinzas jogadas ao vento.

Depois que o professor/ora conta essa história, da forma mais fiel possível ao original de Casculo, é hora de encená-la com as crianças que devem ter a oportunidade de escolher livremente o seu papel. O projeto se completa quando levamos as crianças e educadores a frente de um espelho, diante do qual pretendemos discutir, pelo filtro dessas artes envolvidas no processo, as diferentes etnias formadoras do povo brasileiro e suas características físicas, levando cada um a confrontar sua imagem projetada no espelho, em contraste com as outras imagens humanas do entorno, refletindo sobre semelhanças e desigualdades entre as diversas etnias presentes no universo de um espaço educacional.

Ao realizar esse projeto na creche em que trabalho, pude observar como já se encontra presente no discurso infantil toda uma gama de preconceitos oriundo do senso comum, em que a pele negra nunca é admitida como tal, sendo adjetivada como “marrom bombom” ou “moreninha”. O cabelo negro é sempre duro, ruim. O nariz é chato. Pude notar como a criança, ao ser confrontada com outras denominações possíveis de se nomear a negritude, se sente constrangida ao notar uma coleguinha ou a professora como pessoas negras, como se a palavra fosse carvão em brasa que



queimasse os lábios de quem a pronuncia. Muito menos as crianças negras se sentem confortáveis ao observarem sua própria etnia no espelho. Em contrapartida, quando os adultos agem com naturalidade ao revelar suas características físicas, em especial as negras, as crianças se sentem mais aliviadas em admitir as diferenças que existem ao seu redor. Passam a não temer nomear e ver a realidade como ela realmente é e, portanto, podem estar no caminho de modificá-la.

A arte na educação pode expor as riquezas e fraquezas de uma sociedade, assim como revelar os mitos e tradições populares enrijecidas pelo uso, resgatando pelo sensível, a memória popular que revela em seu interior as contradições e particularidades das diversas construções sociais estabelecidas ao longo da constituição da sociedade brasileira como a conhecemos hoje.

É necessário acrescentar que o projeto “O Espelho da Moura Torta” pode comportar outros desdobramentos que só vem enriquecer o trabalho proposto. Podemos, por exemplo, estabelecer comparações entre a história da Moura e a de Branca de Neve, já que as duas expressam semelhanças que podem existir no contexto de nossa discussão a respeito das diferenças e das realidades sociais em que vivem nossas crianças. Ambas apresentam uma bruxa que provoca o mal por vaidade. O espelho é personagem fundamental em Branca de Neve ao provocar o êxtase e a ira da Madrasta, assim como o espelho d’água é o meio que induz a Moura a confundir sua imagem com a da bela mocinha alva. Podemos traçar paralelos entre as duas realidades expressas pelas narrativas, acentuando particularidades e diferenças entre elas, esclarecendo contextos diferentes, provocando discussões e reflexões acerca da natureza da maldade e suas conseqüências na vida de quem sofre seus efeitos. Branca de Neve, a princesinha alva, e porque não, a Moura Torta, são vítimas de realidades bárbaras, aparentemente imutáveis, como são a escravidão e a orfandade, que trazem consigo a humilhação que é imposta por uma sociedade intolerante e preconceituosa às pessoas que por infelicidade, podem estar numa situação de inferioridade pelo nascimento ou pela situação social.

Um outro desdobramento possível é usar o cinema como mais um elemento artístico que pode agregar valor ao que queremos discutir. Pode-se projetar o filme Branca de Neve, ou então o da Moura Torta, assim como um curta metragem animado chamado Jonas e Lisa que retrata a pobreza e a injustiça social presentes nas favelas do Brasil e assim comparar situações distintas que podem perfeitamente coexistir na



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

realidade brasileira através de subsídios sensíveis que expressam de forma lírica, colorida, onírica, as venturas e desventuras de sujeitos infantis que vivem em castelos (como nossos condomínios de luxo) e favelas, que, como bem sabemos todos nós, estão repletas de Mouras Tortas.

Este projeto também tem por finalidade discutir a nossa prática teatral dentro do âmbito dos Estudos Culturais, na tentativa de esmiuçar as possíveis contribuições que o Teatro pode oferecer no sentido de iluminar conceitos móveis como Cultura, a noção de Diferença, Identidade Cultural e os atritos que esta mobilidade oferece no dia a dia da prática escolar.

Segundo Costa, os Estudos Culturais são...

*“Saberes nômades, que migram de uma disciplina para outra, de uma cultura para outra, que percorrem países, práticas, tradições e que não são capturados pelas cartografias consagradas que têm ordenado a produção do pensamento humano” (2000, p.13).*

Este conceito de Estudos Culturais cabe muito bem para explicitar a abrangência e o conteúdo do que pode ser objeto de interesse da prática teatral com crianças pequenas e, conseqüentemente, o que se pode querer com ela ao introduzi-la no currículo de Creches e Pré-Escolas.

A Arte teatral pode ser considerada como produtora de saberes nômades, na medida que ela pode abordar uma enorme gama de questões que são objeto de estudo do campo do multiculturalismo, tais como: a aceitação das diferenças, o racismo, a injustiça social e atravessar diferentes disciplinas, produzindo conhecimento sensível, com o intuito de, desde o começo da vida escolar de uma criança, fazê-la dominar seus meios expressivos, tomar posse de diferentes linguagens e com isso desenvolver seu poder de compreensão e interferência nas questões culturais, políticas e sociais do mundo.

A comunidade da Educação Infantil é formada pelos mais diferentes tipos de populações, pertencentes aos mais diversos níveis sócio-econômicos, possuindo variadas culturas, religiões, etnias, cor de pele. Ela se organiza, política e pedagogicamente, das mais diferentes maneiras: Creches públicas, privadas, filantrópicas, institucionais, pertencentes à ONGs, tentando realizar sua tarefa primordial que é cuidar e educar a criança pequena. Diante desse perfil tão variado, essa



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

comunidade, por princípio, deveria lidar com as questões que preocupam o campo do multiculturalismo de forma substancial, produzindo conhecimento a respeito do assunto.

No entanto, a Educação Infantil também se submete a “binarismos tão fortemente aderidos às epistemologias tradicionais” (Costa, 2000, p.14), ao oferecer seu quinhão no fluxo que tenta definir o que seja “alta” ou “baixa” cultura, o que se deve oferecer em termos culturais às crianças e de que modo. Diante de sua natureza diversificada, está sujeita a profundos conflitos na definição de sua atuação como campo pedagógico especializado, que pretende “cuidar e educar”.

A Creche Fiocruz desenvolve o hábito de promover eventos culturais nos quais procura oferecer às crianças e adultos a oportunidade de travarem contato com diferentes linguagens artísticas que possam ajudá-las a enriquecer seu capital cultural. Mas o que se torna mais relevante no sentido de promover o desenvolvimento global da criança, é o fato da Creche estimular, de forma freqüente e organizada, o contato diário com uma experiência teatral que visa oferecer condições às crianças de se educarem pelo exercício da sensibilidade, da expressividade e da teatralidade, o que pode levá-las a buscar o encontro com a diferença, com a alteridade e afinal, consigo mesmas.

Acreditamos que é preciso não limitar as possibilidades de descoberta da criança, pois para tentar conhecê-las verdadeiramente, é preciso proporcionar-lhe experiências de vida ricas e desafiadoras, procurando não fazer por ela, mas auxiliando-a a encontrar meios de descobrir e desenvolver o seu gosto estético.

Através dessa experiência, a criança é levada a exercitar sua independência e singularidade numa perspectiva de busca do outro, daquele que, pelo convívio ou pela narração de suas aventuras (o personagem de ficção), pode ajudá-la a se constituir enquanto sujeito autônomo, em permanente contato com a diferença e a desigualdade que marca a história da construção de nossa sociedade. Busca-se também a convivência entre a Cultura do adulto e a da criança, para que numa troca de experiências enriquecedora, ao desenvolver seus desejos, necessidades e conhecimentos pelo filtro da sensibilidade, a criança possa descobrir o quanto é necessário e frutífero aprender a identificar e a considerar as necessidades e desejos desse outro.

Desde bem pequenas, as crianças sofrem o assédio da indústria cultural de massa, apresentando comportamentos, idéias e desenvolvendo linguagens inculcadas pelos meios de comunicação que tem o objetivo primordial de torná-las consumidoras de



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

modos de vida, conhecimentos e produtos que garantam a continuidade do estilo capitalista de organização da sociedade.

Diante da grande indústria cultural de massa, todos são nivelados pelo mesmo padrão, obliterando características culturais específicas, ignorando peculiaridades nacionais, subtraindo costumes culturais que identificam os diferentes povos do mundo e alterando o modo como as crianças podem produzir cultura, apreender significados, criar sentido para a existência e o convívio social.

Um dos objetivos de nossa prática teatral é, de alguma forma, influir no grande fluxo cultural hegemônico, oferecendo alternativas para que as crianças possam construir novas perspectivas de contato com a Cultura, procurando compreender pelo exercício teatral das narrativas que, antigos costumes, novos costumes, práticas sociais, idéias, podem ser ressignificadas por elas próprias, ao construírem um espaço de diálogo entre si e com os educadores que com elas trabalham, viabilizando uma perspectiva crítica de absorção cultural.

Aprender a refletir com sensibilidade, pode ser uma questão que provoque nas crianças e adultos, a vontade e a necessidade de produzir conhecimento a partir dos tais “saberes nômades” que podem iluminar as contradições provocadas pelos ditos saberes universais. É óbvio que a Cultura universal, já produziu conhecimentos que são de profundo valor para o progresso da humanidade. Não podemos desconsiderar isso. Mas o que se pretende é contribuir para contextualizar a idéia constantemente disseminada de supremacia (branca, machista, ocidental) que existe nessa forma de Cultura e evidenciar o fato dela ser uma construção elaborada ao longo da História, que possui um histórico de nascimento, conflitos, avanços e recuos, sendo não hegemônica e sujeita a mudanças.

Através da apresentação de narrativas de culturas minoritárias ou periféricas como a africana, indígena ou mesmo de regiões desconhecidas, e com a conseqüente teatralização das mesmas, deseja-se discutir a importância dessas culturas, explicitando o vasto universo da diferença que pode ser construído no imaginário infantil e estabelecendo sua contribuição significativa para o avanço do conhecimento, tanto quanto a Cultura dita universal.

Os mitos, os conflitos sociais e as questões existenciais, estão presentes tanto numa narrativa fantasiosa européia, quanto numa africana ou indígena o que, através do



dinâmico exercício do gesto teatral, coloca a prática do Teatro dentro dos parâmetros de uma Educação multicultural, ensinando pela sensibilidade a conviver com experiências de diversos grupos culturais e étnicos.

Portanto, devido à heterogeneidade das crianças e adultos da Creche Fiocruz, ela se transforma num cadinho de culturas e raças que passam a discutir e conviver com questões culturais e/ou sociais que estão presentes no campo do multiculturalismo, a saber: a possibilidade de provocar a conscientização das crianças a respeito das questões étnicas, já que convivem no mesmo espaço crianças negras, brancas ou de traços asiáticos; a questão de gênero, pois meninas e meninos estão todo o tempo dividindo as mesmas rotinas e atividades; de classe, já que crianças de vários níveis sociais passam mais ou menos 5 anos em convívio contínuo, afetando-se mutuamente.

Mas o que nos interessa é o fato de que a discussão dessas questões se dá através da Arte evidenciando um movimento bem atual de recentralização da Cultura enquanto campo possível para a discussão e conscientização das desigualdades sociais, de problematização da questão das diferenças, de elaboração do diálogo interdisciplinar, no intuito de colaborar para a efetivação do diálogo democrático no imaginário infantil.

Devemos descrever de modo mais prático as atividades teatrais desenvolvidas com as crianças, para que elas mesmas elaborem em si um certo estado de alerta, de crítica, e de constante esclarecimento a respeito das questões culturais.

Através da dramatização de narrativas fantasiosas, podemos afetar o imaginário infantil pelo sensível, provocando a aquisição de conhecimento, a aproximação entre opostos, o respeito à alteridade, a valorização da experiência individual, no momento mesmo em que as crianças são estimuladas a se expressarem pela Arte e aprender com ela.

*“Nesse momento chegou uma escrava negra, cega de um olho, a quem chamavam a Moura Torta. A negra abaixou-se para encher o pote com água do rio mas avistou o rosto da moça que se retratava nas águas e pensou que fosse o dela. Ficou assombrada de tanta formosura.” (Cascudo, 2001, p.123)*

Não só pelo artístico, mas também pelo histórico, o trabalho de compilação de contos populares empreendido por Câmara Cascudo, recupera o valor da narrativa embutido no folclore brasileiro, revelando o processo histórico de adaptação feita pelo



povo, revestindo-o de um colorido nacional todo especial, recuperando valores, hábitos e práticas culturais que merecem ser conhecidos pelas crianças, que como de costume, só tem acesso às formas narrativas do conto maravilhoso através da tradição europeia ou estadunidense.

No caso da dramatização do conto “A Moura Torta”, a criança pode exercitar o metamorfosear-se num personagem que, apresentado como bruxa, traz em si as marcas da escravidão e da falta de valorização que tem marcado a raça negra dentro do imaginário popular brasileiro. A falta de um espelho que lhe desse a real dimensão de sua figura, faz com que a escrava tenha uma imagem distorcida do real, o que detona todas as ações futuras dela: o enfeitiçar a menina, o pôr-se em seu lugar, o desejar pra si o que socialmente lhe era vetado.

A partir da ficção, o educador de teatro pode trabalhar o preconceito racial, a construção social injusta, a auto-imagem do negro na sociedade e lançar questões que façam com que as crianças reconheçam, na atualidade, as conseqüências do racismo e da escravidão para a atual situação social brasileira. Mas também é importante trabalhar com a conscientização do educador que lida com a diversidade racial em sua turma, pois ...

*“podemos observar ainda que as relações dos próprios educadores com as crianças mostram o quanto esta questão permanece dificultada em seu entendimento, fazendo com que os educadores não utilizem o seu senso crítico, a sua sensibilidade e o seu aprendizado para desfazer essas atitudes rançosas, contribuindo assim para o reforço do preconceito ” (Souza, 2002, p.64).*

*“Nenhuma ciência como o Folclore possui maior espaço de pesquisa e de aproximação humana. Ciência da psicologia coletiva, cultura do geral no homem, da tradição e do milênio na atualidade, do heróico no cotidiano, é uma verdadeira História Natural do Povo. (...) O valor do conto não é apenas emocional e delicioso, uma viagem de retorno ao país da infância. (...) Constitui elemento indispensável para ciências afins.” (Cascudo, 2001, p.11)*

A prática teatral em Educação Infantil pode, dramatizando os contos maravilhosos e populares, potencializar as qualidades semióticas dessas narrativas através do exercício da teatralidade, levando a criança e o educador que com elas lida, a vivenciar



o conhecimento do espírito, da memória e da imaginação populares. Com essas ferramentas, a criança pequena pode iniciar seu desenvolvimento global, capacitando-se pelo conhecimento sensível, a compreender e a atuar num mundo contraditório, que nos lança desafios à cada instante, a cada virada de uma folha de jornal, a cada filme globalizado que atinge com um poder imenso o imaginário infantil.

A escola que acredita no poder da Arte como estimulador da vontade de conhecer e aprender, pode inserir-se no campo das instituições que se interessam por tentar equacionar as complexas questões que preocupam o campo do multicularismo.

*“Era uma vez um pobre lenhador que vivia com sua segunda mulher e seus dois filhos na orla de uma grande floresta. Era tão pobre, que muitas vezes não havia jantar, nem mesmo uma sopa. Chegou um dia em que não havia nada no guarda-comida, a não ser um pedaço de pão”* (Cresswell, 1996, João e Maria, p. 41).

“O conto popular revela informação histórica, etnográfica, sociológica, jurídica e social. É um documento vivo, denunciando costumes, idéias, mentalidades, decisões e julgamentos” (Cascudo, 2001, p.12). Através do exercício da dramatização de narrativas populares, a Escola pode ajudar a revelar a injusta realidade do mundo, provocando a discussão do assunto no meio infantil, levando à conscientização a respeito das questões de opressão e descaso que imperam ainda em nossa sociedade.

Um contraponto à massificação da Cultura é lançado no imaginário infantil quando trabalhamos a cultura popular e fantasiosa através do teatro. Como afirma Giroux, os desenhos animados da Disney, representante qualificado da Cultura de massas hegemônica, desempenham o papel persuasivo de “máquinas de ensino, como produtores de Cultura” (Giroux, 2001, p.89)

Ao veicularem mensagens culturais hegemônicas, de forma sub-reptícia ou explícita; ao adaptarem histórias fantasiosas como Aladim, Branca de Neve, Cinderela a um modelo de Cultura ocidental, embranquecido, sexista, autoritário, deturpando o sentido original dessas histórias, a indústria cultural de massa exerce um papel pedagógico predominante, que precisa ser contrabalançado através de práticas culturais no seio da Escola que ofereçam alternativas críticas às crianças, para que possam agir no mundo como cidadãos críticos e combativos contra as desigualdades que ameaçam ideais democráticos de convivência social.



Algumas questões formuladas por Giroux podem ser encaradas de modo mais prático ao assumirmos a Arte na Escola como mais um instrumento de sensibilização, conscientização e libertação de consciências aprisionadas à um modelo único de representação de mundo.

Quando a criança pequena traz na mão uma fita de vídeo de um filme popular globalizado, ela demonstra apego, sentimento pela narrativa ali encerrada. Compete ao educador acolhe-la, mas ao mesmo tempo estar consciente de que precisa encontrar alternativas possíveis ao poder pedagógico que tais narrativas oferecem.

Através do exercício constante, crítico, vivo de práticas culturais alternativas como o Teatro e/ou a narração de histórias com conteúdos que revelam os mecanismos historicamente construídos de sujeição social impostas à mulheres, negros, homossexuais, povos do 3º Mundo, à população indígena, o educador pode, como pede Giroux, “reinsere o político e o pedagógico no discurso do entretenimento”, revitalizando o desgastado e “estagnado relacionamento entre entretenimento e pedagogia” (Giroux, 2001, p.104).

O teatro, pela dramatização de contos populares e fantasiosos, numa perspectiva renovadora, crítica, lúdica pode ser para a criança pequena o primeiro leite cultural (Cascudo, 2001, p.12)

Para concluir, não podemos esquecer que a formação do educador de Educação Infantil é muito importante nesse processo, pois ao ser um veículo entre a criança e a sociedade, esse/a profissional pode desenvolver projetos inovadores e críticos que levem a criança a ver o mundo que nos cerca com criticidade, mas pelo filtro da sensibilidade. Para tanto é mister alfabetizar esse adulto em linguagens artísticas para que ele/a possa compreender a natureza infantil.

Em muitas oficinas que ministro em várias instituições de Educação Infantil, pude notar, através da avaliação dos/as profissionais por elas afetados/as, que é a partir das vivências da Infância que passam a construir traumas, preconceitos, desafetos, intolerâncias. Quando têm a oportunidade de exercitar sua sensibilidade e imaginação, através da dança, do teatro, das narrativas ficcionais, do cinema e são levados por elas a rememorar a sua vida infantil, é que começam a compreender as razões das suas idéias preconcebidas, arcaicas, desrespeitosas com a diversidade que vemos ao nosso redor em na sociedade.



A intolerância com as várias etnias que compõem uma sociedade como a brasileira, em especial a negra, pode ser eliminada das consciências dos seres humanos quando oportunizamos experiências que criticam a naturalização do racismo<sup>2</sup> e sua conseqüente perpetuação.

Contar histórias, ouvir músicas, encenar textos com personagens negros em situação de conflito em que eles/as mesmos/as lutam para compreender, criticar e vencer a barreira da exclusão social, pode contribuir para a melhoria do Estado democrático, tornando-o mais justo e livre, principalmente se for através de uma escola inovadora e transformadora que agregue às suas práticas pedagógicas, a idéia de se trabalhar com Arte numa perspectiva de libertação dos sujeitos criança e educador/a para que possam juntos experimentar a alegria de mudar o mundo através de

*“uma luta cultural e libertadora: esse deve ser o nosso compromisso como negros(as) e como anti-racistas, porque a nossa luta deve extrapolar os limites da instituição escola, os limites da nossa profissão, pois além de mudar a escola, queremos transformar a sociedade... porque o ato pedagógico não é monopólio do(a) professor(a) e sim da Vida, que por si só é pedagógica.” (Trindade, 2008, pg 56)*

## **BIBLIOGRAFIA**

**CASCUDO**, Luis da Câmara. Contos Tradicionais do Brasil (Compilado por) – São Paulo, SP: Global -2001

**CASHMORE**, Ellis. Dicionário de relações étnicas e raciais. São Paulo: Summus, 2000.

**COSTA**, Marisa Vorraber. Estudos Culturais – para além das fronteiras disciplinares. In: Costa, Marisa Vorraber (org) Estudos Culturais em Educação. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000 (Parte I)

**CRESSWELL**, Helen. Contos de Fadas Clássicos/recontados por Helen Cresswell. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

---

<sup>2</sup> Segundo Cashmore, existem algumas definições de racismo. Uma delas nos diz que racismo pode ser definido como doutrina, dogma, ideologia, conjunto de crenças em que “raça” determina a cultura, dela derivando as alegações de superioridade racial. Para melhor compreensão de nosso trabalho, resolvemos adotar essa como uma definição apropriada para melhor exemplificar o que queremos.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

**DORNELLES**, Leni Vieira. O Brinquedo e a Produção do Sujeito Infantil. Cedec (Centro de Documento e Informação sobre a Infância), Iec, Universidade do Minho – Porto Alegre – RS 2003

**GIROUX**, Henry A Os Filmes da Disney são bons para seus filhos? In: Steinberg, Shirley R. e Kinchloe, Joe L. Cultura Infantil: a construção corporativa da Infância. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

**LINS**, Mônica Regina Ferreira. “A Criança, A Escola e a Herança Africana no Brasil” in: Todas as Cores na Educação: Contribuições para redução das relações etnicoraciais no ensino básico. (orgs) Jose Flávio Pessoa de Barros/ Luiz Fernandes de Oliveira/ Ana Canen – Rio de Janeiro, RJ : Quartet/Faperj, 2008

**SOUZA**, Luiz Fernando de. Um Palco para o Conto de Fadas. São Paulo, SP: Ed. Mediação, 2008.

**SOUZA**, Yvone Costa de. Crianças Negras: Deixei Meu Coração Debaixo da Carteira. Porto Alegre, RS: Mediação, 2002.

**TRINDADE**, Azoilda Loretto da. “ O Racismo no Cotidiano Escolar! in: Todas as Cores na Educação: Contribuições para redução das relações etnicoraciais no ensino básico. (orgs) Jose Flávio Pessoa de Barros/ Luiz Fernandes de Oliveira/ Ana Canen – Rio de Janeiro, RJ: Quartet/Faperj, 2008